

Política

— CRISE —

A nota que a CNBB distribuiu domingo, criticando o governo por sua "conivência" com a corrupção, e prevendo uma "convulsão social", irritou o presidente da República, que revidou com ironia.

Sarney responde à CNBB: nem o Vaticano escapa da corrupção.

O presidente José Sarney devolveu com a mesma moeda as críticas que recebeu da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ontem, em carta dirigida ao presidente da entidade, dom Luciano Mendes de Almeida, Sarney advertiu a Igreja para não cometer injustiça ao generalizar denúncias, e manifestando-se "chocado" com o teor da nota divulgada pela CNBB, domingo passado, lembrou que a corrupção é uma "erva daninha" da qual não escapa nem o próprio Vaticano. O presidente citou nominalmente o escândalo do Banco Ambrosiano, de propriedade da Santa Sé, envolvendo várias personalidades da alta cúpula da Igreja.

Para assessores do presidente, a carta do presidente Sarney teve o mesmo sentido de um rompimento nas relações entre o governo e a Igreja, já estremecidas desde a saída do ex-ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Néelson Ribeiro, em 1986, que chegou ao cargo por influência da Igreja, e as insistentes negativas dos órgãos de informações à entrada de novos missionários estrangeiros no País. Uma última tentativa de conciliação acontecerá hoje mesmo: às 17h30, dom Luciano Mendes de Almeida será recebido no Palácio do Planalto por Sarney, numa audiência articulada pelo ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto.

Foi o próprio Costa Couto quem se encarregou de entregar a carta a dom Luciano, mas esbarrou na sede da CNBB com a notícia de que o presidente da entidade estava em São Paulo. Acompanhado por um fotógrafo oficial da presidência da República, Costa Couto oficializou a entrega da correspondência ao padre José Arlindo Naday, assessor da CNBB. Diante da insistência do padre, o ministro telefonou, da própria CNBB, para dom Luciano, que solicitou a leitura da carta do presidente.

Ironia

Nas 49 linhas redigidas pessoalmente, o presidente Sarney utilizou citações religiosas do padre Vieira e muita ironia. A começar por lembrar as raízes maranhenses de dom Luciano. Ao referir-se à parte da nota da CNBB que fala da crise moral do País e da conivência das autoridades com a corrupção, Sarney foi mais incisivo: "Toda generalidade é perigosa e pode descambar para a injustiça e injúria".

Mas em vez de atacar o presidente da CNBB, Sarney pediu que o ajude, "humildemente". E disse como: "precisando fatos e pessoas para que melhor eu possa coibi-los e puni-las. Seria isto uma inestimável



Couto entrega a carta e marca encontro



Dom Luciano: pacificação?

colaboração. Nenhum episódio da República envolvendo prática condenável chegou ao meu conhecimento sem que tivesse tomado as providências da lei".

Sarney disse ainda que em sua vida jamais abandonou os "padrões éticos", e no exercício da presidência, "ninguém pode negar a minha austeridade monástica". Fez

questão de lembrar que em três anos de governo o único ato que mandou celebrar no palácio da Alvorada — residência oficial — foi a Santa Missa, "todos os domin-

gos, assistida por mim, por minha mulher, filhos e netos".

Mais adiante, o presidente lembrou que assim como não pode controlar todos os membros do governo, é impossível para dom Luciano controlar "qualquer desvio de conduta" dos religiosos, e nem por isso pode o chefe da CNBB ser acusado de ter chegado "às raízas da conivência", usando a mesma expressão da nota. E citou o escândalo do Banco Ambrosiano como exemplo de como é difícil controlar a corrupção: "veja V. Rvma. que à sua solerte invasão não pode fugir nem mesmo a Santa Sé. O caso do Banco Ambrosiano mostra como é insidiosa. Nem por isso devemos generalizar nem identificar um sinal de decadência ou diminuição dos padrões da administração da Igreja".

Anônimo

Em Porto Alegre, o arcebispo metropolitano, dom Cláudio Colling criticou a nota divulgada no domingo pela CNBB, intitulada "Urgência nas grandes decisões". Segundo dom Cláudio, apontar a existência de corrupção sem citar casos concretos "é como uma acusação anônima".

— Apontem os nomes (dos corruptos). Dêem o nome certo aos bois e desta maneira estarão contribuindo para o bem-estar do Estado e para o prestígio da própria CNBB. Levantar uma polvadeira e conturbar as águas sem clarear, sem definir, é uma coisa que a nada conduz—, disse dom Cláudio.

O arcebispo metropolitano de Porto Alegre criticou, também, as considerações da nota da CNBB de que "a insatisfação popular poderá explodir e assumir proporções convulsivas de consequências catastróficas". Para dom Cláudio, "falar na insurreição do povo é quase um convite para a insurreição, e tudo nesse sentido deve ser evitado. Tudo, menos isso, deve acontecer no Brasil. Nós somos mensageiros da paz, do amor, da compreensão, da tolerância".

Já o bispo de Santa Maria (RS), d. Ivo Lorscheiter, ex-presidente da CNBB, aplaudiu a nota divulgada por seu sucessor. Falando no programa de rádio "A Palavra do Pastor", ele anunciou que enviará o texto a todas as paróquias da sua diocese, e sustentou que o tom "forte" da nota "se baseia no fato de se ter generalizado um sentimento de frustração no meio do povo, o qual já não acredita nas instituições, nos políticos, no governo, no seu futuro".

A CARTA

Esta é a íntegra da resposta que o presidente Sarney mandou a dom Luciano Mendes de Almeida, da CNBB.

"Acuso o recebimento de sua carta encaminhando-me a Nota da CNBB que trata da conjuntura nacional.

Sabe Vossa Reverendíssima o apreço que lhe tenho. Não é de hoje e não se apóia em nenhuma forma de cooptação. Acompanhei sua brilhante vida de sacerdote, sua doação à causa da criança, sua atividade apostólica. Acresce ainda um dado sentimental e importante para mim: as raízes maranhenses, plantadas no tronco do grande Senador Cândido Mendes de Almeida, parte de nossa gloriosa tradição.

Católico de corpo inteiro, membro da Igreja em que me mantenho na fé, na prática dos meus deveres de cristão, fiel à mensagem do cristianismo que me orientou a vida, confesso-lhe que os termos da referida Nota e as suas declarações à imprensa chocaram-me. Toda generalidade é perigosa e pode descambar para a injustiça e injúria. O Padre Antônio Vieira dizia ser esta como penas soltas ao vento. Uma vez espalhadas, não se

podia recolhê-las todas, e sempre ficariam muitas.

Para que isso não aconteça, venho pedir-lhe humildemente que me ajude, precisando fatos e pessoas para que melhor eu possa coibi-los e puni-las. Seria isto uma inestimável colaboração. Nenhum episódio da área pública envolvendo prática condenável chegou ao meu conhecimento sem que tivesse tomado as providências da lei. Jamais abandonei os meus padrões éticos, sob qualquer interesse, e no exercício da Presidência ninguém pode negar a minha conduta de austeridade monástica. No Palácio da Alvorada, nestes três anos, o único ato que se celebra é a Santa Missa, todos os domingos, assistida por mim, por minha mulher, filhos e netos. Nenhuma festa, nenhum banquete, nenhum salão.

A corrupção, todos sabemos, é uma erva daninha que devemos combater sem tréguas. Veja V. Rvma. que à sua solerte invasão não pode fugir nem mesmo a Santa Sé. O caso do Banco Ambrosiano mostra como é

insidiosa. Nem por isso devemos generalizar nem identificar um sinal de decadência ou diminuição dos padrões da administração da Igreja.

A violência que a referida Nota profetiza jamais terá meu incentivo. Tenho dado mostras de paciência, concórdia e tolerância, e perseverarei nelas.

Vossa Reverendíssima preside uma comunidade muito grande. Mas somente o fato de ser presidente da CNBB não lhe torna possível controlar qualquer desvio de conduta de quem quer que seja, e nem por isso deve ser acusado de chegar às raízas 'da conivência'.

De minha parte terão sempre o país e a minha Igreja a manutenção desses padrões que me fizeram cristão e me dão a paz interior, que é a paz do espírito.

Como dizia S. Paulo, 'eu que escrevi esta epístola, vos saúdo no Senhor'.

O amigo de sempre, José Sarney."